

ENTREVISTA: "NÃO SE FAZ NOTÍCIA SÓ COM TECNOLOGIA", diz a pesquisadora Thais de Mendonça Jorge

INTERVIEW: DON'T MAKE NEWS ONLY WITH TECHNOLOGY, says researcher Thais de Mendonça Jorge

Thaisa Cristina Bueno¹

Lucas Santiago Arraes Reino²

Ed Wilson Araújo³

Marco Antonio Gehlen⁴

Marcelli Alves⁵

Thais de Mendonça Jorge tem uma vasta experiência como jornalista e como pesquisadora na área da comunicação. No mercado, seu currículo acumula experiências nas redações de jornais como Jornal do Brasil, O Globo, Istoé, Correio Braziliense, O Tempo, Hoje em Dia entre outros; como professora, além de integrar o corpo docente da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília, coordena, desde 2014, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação nessa instituição. Envolvida em pesquisas na área de gênero jornalístico, mídia e política, novas tecnologias e redações, a autora do "Manual do foca. Guia de sobrevivência para jornalistas" (Editora Contexto), de 2008, e "Mutações no jornalismo. Como a notícia chega à internet", de 2013, pela Editora UnB, conversa nessa entrevista sobre o futuro do jornalismo, promovendo um link entre os desafios do mercado e também da academia.

¹ Professora assistente do curso de Comunicação Social - Jornalismo, na UFMA; mestre em Letras pela UFMS e doutoranda em Comunicação Social pela PUC-RS.

² Professor do curso de Jornalismo na UFMA e doutorando em Comunicação Social pela PUC-RS.

³ Professor do curso de Jornalismo na UFMA e doutorando em Comunicação Social pela PUC-RS.

⁴ Professor do curso de Jornalismo na UFMA e doutorando em Comunicação Social pela PUC-RS.

⁵ Professora do curso de Jornalismo na UFMA e doutoranda na UNB

Nesta conversa, realizada após a reunião da Jortec (Rede Nacional de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais), durante o Simpósio de Ciberjornalismo, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, ela não se nega a tocar em assuntos delicados, como a prática da cópia entre profissionais de imprensa e a formação rasa de muitos professores na área da Comunicação, em diversas faculdades pelo país. Defensora de uma formação completa, e atenta às novidades tecnológicas, a professora é categórica: “a gente não pode restringir as nossas preocupações à tecnologia”.

Em geral há um distanciamento entre teoria e mercado. Isso se dá por conta da deficiência no investimento tecnológico das universidades?

Não é esse o problema. Eu acho que a gente investe pouco em capital humano. Penso que as tecnologias são uma questão importante, sim, de todos os programas de graduação, pós-graduação em Jornalismo e Comunicação em geral, mas a gente não pode restringir as nossas preocupações à tecnologia. O problema do capital humano é muito mais importante, afinal, não se faz notícia só com tecnologia. O fato de você ligar um gravador na frente de uma pessoa não quer dizer que você esteja fazendo notícia, precisa de gente para isso e, no caso da questão docente, é a mesma coisa, nós precisamos formar bons professores, é isso que está faltando.

Por que está faltando bons professores?

Muitos dos profissionais do mercado quando chegam em uma certa etapa, que foi o meu caso também, resolvem tentar a carreira acadêmica. Por um lado, isso é bom, porque representa uma oportunidade, mais estabilidade, mais perspectivas, metas, enfim, um caminho. Além disso, essa pessoa tem algo a transmitir. Mas, uma grande parte dos professores que estão no ensino do Jornalismo no momento vem só da profissão, e sem nenhum preparo caem de paraquedas dentro do ensino do Jornalismo. Eles acham que basta repetir o que viram na redação dentro de uma sala de aula, o que não é verdade.

BUENO, Thaisa Cristina Bueno; REINO, Lucas Santiago Arraes;

ARAÚJO, Ed Wilson; GEHLEN, Marco Antonio; ALVES, Marcelli

Nessa lógica o discente de hoje é diferente também, pois ele vem de uma relação naturalizada com o mundo digital. Como lidar com ele?

Ele é um jovem com uma cabeça digital porque já nasceu nesse mundo digital, ou seja, é o que os espanhóis chamam de um puro digital. Ele já nasceu com um chip na cabeça. Nesse sentido, tem uma vantagem em relação às gerações antigas, que é a familiaridade com as novas tecnologias. Essa vantagem ele tem, mas não tem algumas outras capacidades que as pessoas que não são puros digitais têm, por exemplo, a paciência. Às vezes você precisa de paciência para esperar uma fonte e nem toda fonte está no Facebook e no Twitter. Algumas estão na rua. É uma pessoa que está dentro de uma reunião e você precisa esperar. O repórter tem que ter a virtude da paciência. E outras características também, como saber ler. É preciso gostar de ler para fazer uma leitura da sociedade. Ninguém pode fazer Jornalismo sem saber ler a sociedade, ler a cara das pessoas, interpretar expressões, interpretar os gestos. A linguagem não verbal é superimportante para o exercício da profissão. Interpretar a sociedade. Ser capaz de identificar uma pauta, de transformar um acontecimento que as outras pessoas poderiam achar banal numa pauta, num objeto de interesse que sirva a essa sociedade. Afinal de contas, nós jornalistas fazemos o nosso objeto a partir da própria sociedade, nós estamos a serviço dessa sociedade.

Tem muita diferença entre o foca que entrou há 10 anos e o foca que entra hoje no mercado?

Tem muita diferença. O foca que entrou há dez anos, dez não, quinze, vinte anos, ele talvez gostasse mais de ler, tivesse mais condescendência ou mais familiaridade com o objeto escrito do que os jovens atuais, que estão acostumados a uma chamada civilização audiovisual. Estão mais acostumados com esse impacto do audiovisual na própria vida. Esses jovens de quinze anos atrás liam o jornal impresso e as revistas, teriam esses suportes como referência. Hoje não.

Professora, a senhora acredita que dá para pensar em um perfil dos jornalistas do Brasil tendo em vista as discrepâncias que existem entre os jornais das capitais e do interior?

Apesar das diferenças, entendo que encontramos uma enorme familiaridade dos jovens com as tecnologias, mesmo que essa não seja uma tecnologia de ponta. Além disso, você pode fazer jornalismo de qualquer jeito: numa máquina de escrever, de forma manual, num bloquinho. O fato de não ter as ferramentas não quer dizer que você não vá fazer um bom jornalismo. Bom jornalismo se faz quando você mantém princípios éticos. A essência do jornalismo é a informação de qualidade. Esse jornalismo eu acho que existe, persiste e sobrevive em todos esses momentos.

Dá para dizer que o jornalismo digital formou bons ou maus profissionais?

Eu não concordo com isso. Eu acho que a digitalização não tem nada a ver com a qualidade do jornalismo, pelo contrário, quando eu fiz a minha tese de doutorado, nos veículos UOL e Clarin, encontrei muito erros em ambos, por causa da pressa, principalmente. Não é exclusividade do digital.

A senhora fala da mutação no texto, de fazer um texto diferenciado como forma de fazer um jornalismo de verdade. O que isso muda na prática?

Muda muito, particularmente a recepção desse texto. No passado a gente tinha um suporte fixo que só tinha duas faces, era frente e verso. Hoje temos "N" dimensões. Você pode pegar um texto e passar ele para seu amigo por Facebook ou por e-mail. Você pode pegar aquele mesmo texto e modificá-lo, anexar uma foto, fazer um *podcast*, gravar com alguém, você pode fazer uma entrevista com um amigo seu e colocar junto. Então mudou esse processo. Mudou a forma como as pessoas leem aquele produto, como elas veem aquele produto e como elas o recebem.

E na hora de produzir, a gente tem que pensar nessas diversas formas de recepção, vamos dizer assim?

Aí existem várias teorias para entender as várias formas de colocar esse produto na rua. As teorias que explicam isso são as teorias da convergência e, entre as teorias da convergência existe a teoria da turbina informativa. A teoria da turbina se resume no

BUENO, Thaisa Cristina Bueno; REINO, Lucas Santiago Arraes;

ARAÚJO, Ed Wilson; GEHLEN, Marco Antonio; ALVES, Marcelli

seguinte: você entender uma redação como uma indústria. Entra o insumo de um lado e sai notícia do outro, e essa notícia que sai do outro lado pode sair sobre vários formatos como uma notícia para rádio, de televisão, de internet, para *tablet*, por exemplo. No momento são esses alguns formatos com os quais a gente está trabalhando, mas pode-se inventar um monte de coisa, que daqui a pouco estará saindo na turbina. O mais importante é que do lado de cá entra o fato e do lado de lá sai a notícia.

Professora a senhora fala de um conceito de “Mcdonaltização” da notícia, o que é isso?

Olha, Mcdonaltização é um conceito que diz assim: o Jornalismo tem etapas, a etapa começa na captação do fato e termina na difusão daquele fato nos diversos formatos. Agora, se você trata esse fato como uma lanchonete do *McDonalds*, como um hambúrguer, você vai pasteurizar aquela notícia e a notícia vai sair toda igual naquele processo final. Isso é Mcdonatização: pegar uma mesma notícia, trabalhar na forma inicial e ela sair toda igual na última fase.

E isso é muito comum no jornalismo digital?

Supercomum, porque a digitalização favoreceu esse processo, o processo de uniformização.

E dá pra fazer diferente ou é um processo que não tem como mais reverter?

Não, dá para fazer.

Porque isso acontece muito em alguns lugares dentro do Brasil?

Porque faltam equipes, falta aquele capital humano que a gente falava. A gente falava em relação ao professor, mas a gente também pode falar de jornalista, porque com a digitalização e os investimentos que os empresários tiveram nas empresas, eles acharam que tinham que economizar em algum lugar. Investiam em celular, em alta tecnologia, em máquinas, em como rodar o jornal impresso mais rápido e tal, mas não investiram em

gente. Eles reduziram o tamanho das redações. Com isso, essas pessoas têm que botar um produto na rua de alguma maneira. Então o que eles fazem? Copiam. E aí eles usam as ferramentas digitais: “copia e cola”.

Mas isso de copiar um texto alheio e assumi-lo como seu não estaria relacionado à formação?

Está relacionado à formação também, porque houve uma quebra ética aí. Vinte anos, quarenta anos atrás, nenhum jornalista copiava de ninguém. Copiar era um mandamento quase como “não matarás”. Não copiarás. Ninguém copiava de ninguém. E tinha uma palavra horrível para isso, a gente falava assim: “fulano chupou de alguém”. Chupar era quase um palavrão. Você não podia chupar nada. Antigamente você pegava uma biografia de alguém e tinha que citar de onde vinham os dados. Agora não, o cara pega no Google, do Wikipédia e não precisa mencionar fonte nenhuma. E essa ética desapareceu porque hoje todo mundo usa, porque é muito rápido.

Professora seus estudos também perpassam a pesquisa dos gêneros. O jornalismo digital acaba criando gêneros que são mais marcantes?

Eu diria que isso está em transição, mas não tem nenhum gênero estabelecido. O gênero que continua a prevalecer, que é um gênero hegemônico, é o gênero informativo. Na internet o gênero opinativo ficou restrito aos blogs. Eu não conheço uma mistura de jornalismo informativo com opinativo em um site, por exemplo, a não ser que seja um blog. Veja o G1 ou o Gobo.com, eles têm notícias na maior parte, quando é que publicam opinião? Está restrito ao blog. Ele não tem aquele comentário do editor, do articulista inserido na matéria como no jornal impresso ou numa revista, com espaço bem separado e demarcado, mas ainda predomina o jornalismo informativo com as suas áreas bem separadas.

A senhora acredita que vai se criar um gênero novo no futuro ou não dá para imaginar uma coisa assim?

BUENO, Thaisa Cristina Bueno; REINO, Lucas Santiago Arraes;

ARAÚJO, Ed Wilson; GEHLEN, Marco Antonio; ALVES, Marcelli

Olha, já existem gêneros. Existe o gênero de entretenimento que não é de hoje, ele já existia e tende a ser muito importante neste momento presente e no futuro. E sem querer falar em um tom condenatório, o entretenimento junto com a informação já tem um lugar em alguns veículos.